



As feiras solidárias e a experiência com as moedas sociais na Zona Oeste do Rio de Janeiro

The solidarity fairs and the experience with social currencies in the West Zone of Rio de Janeiro

BAPTISTA, Sarah¹; SOUZA, Saney²; FASKOMY, Thayana³; BRUCE, Mariana⁴; OLIVEIRA, Roberta⁵; SOUZA, Eduarda⁶; MATEUS, Helena⁷

¹ Coletiva Hortelã/TeiaZO/FRAC, srubian@gmail.com; ² Coletiva Bosque das Caboclas, saneysouza@yahoo.com.br; ³ Coletiva Hortelã/TeiaZO/FRAC/ Seeduc-Rj, thyanafaskomy@gmail.com; ⁴ Coletiva Hortelã/TeiaZO/CMPZO/UFF, marianabruce@id.uff.br; ⁵ FRAC, robertasimoesoliveira@hotmail.com; ⁶ Coletiva Bosque das Caboclas, eduarda.o.c.s@gmail.com; ⁷ Coletiva Bosque das Caboclas, anelhvm@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Apresentação e Contextualização da experiência

A Feira Solidária é uma das iniciativas desenvolvidas pela Teia de Solidariedade da Zona Oeste/TeiaZO que tem por objetivo fortalecer a agricultura familiar da Zona Oeste ao mesmo tempo em que garante a distribuição de alimentos frescos, nutritivos, agroecológicos e livres de veneno e transgenia às famílias que se encontram em vulnerabilidade alimentar, principalmente aquelas chefiadas por mulheres negras. A TeiaZO é uma práxis da Coletiva Popular de Mulheres da Zona Oeste/CPMZO criada no contexto da pandemia para mitigar a fome em um momento crítico no qual era sabido que as pessoas mais afetadas pela crise seriam as mulheres negras e periféricas. Partindo da compreensão de que a alimentação é um direito e de que vivemos em um território que conta com uma agricultura que pode e deve ser potencializada, nos ocupamos em criar pontes entre esses dois elos da cadeia fomentando também uma organização popular. Afinal, se a Zona Oeste produz, por que esse alimento não é acessado por quem mais precisa? Para acessá-lo é necessário organizar o desejo, não deixar que a raiva e a indignação nos adoecem, mas que atuem como força propulsora para a mobilização popular.

Dentre os diversos territórios da Zona Oeste de incidência da TeiaZO, dois se destacam por terem desenvolvido com certa periodicidade o que chamamos de Feiras Solidárias: Vargens (Vargem Grande, Vargem Pequena e arredores) e Bosque dos Caboclos, re-apelidado de Bosque das Caboclas dado o protagonismo das lideranças femininas na região, em Campo Grande (Rio da Prata). A Feira Solidária Maria do Céu, em Vargens, foi fundada em janeiro de 2021 ao levar, a cada quinze dias, bancadas agroecológicas para a Feira da Roça, Agroecologia e Cultura/FRAC que ocorre todos os domingos no Largo de Vargem Grande. Já a



Feira Solidária Hellen Andrews, em Caboclas, foi inaugurada no domingo das apaixonadas, 12 de junho de 2022, enamorada pela revolução afetiva. Ambas experiências contam com o uso de moedas sociais para viabilizar o acesso aos alimentos com maior autonomia e dignidade para as famílias. Estimamos que de 2021 a 2023 tenham sido comprados aproximadamente 7 toneladas de alimentos.

Ainda que as Feiras Solidárias tenham um caráter emergencial e prioritário de mitigação da fome, é importante também considerar que não se restringem a uma ação assistencialista de distribuição de alimentos. Além do fomento à organização popular, colocamos em nosso horizonte estratégico avançar na geração de renda para as mulheres envolvidas através de circuitos de economia feminista, além de disputar políticas públicas que favoreçam um caminho em direção ao Bem Viver. Deste modo, junto com essa experiência várias outras iniciativas encontram-se em curso.

Desenvolvimento da experiência

Durante a pandemia, ocorreram várias iniciativas nos distintos territórios de abrangência da TeiaZO para a distribuição de cestas básicas, cestas de alimentos frescos (legumes, hortaliças frutas e verduras) e kits de higiene, limpeza e autocuidado. Nesse momento, com a suspensão das feiras pela cidade, foi de fundamental importância conseguir recursos através de campanhas para assistir não somente as famílias que se encontravam em vulnerabilidade alimentar, mas também as agriculturas da Zona Oeste que precisavam escoar a sua produção.

Em Vargens, a Feira Solidária foi iniciada por captação autônoma de recursos pela TeiaZO e, posteriormente, subsidiada pela Campanha Campo e Cidade de Mãos Dadas na Luta contra a Fome e a Covid da Rede Ecológica e Editais, como o da Agenda Rio 2030 da Casa Fluminense. Com a retomada das atividades presenciais em 2021, as distribuições que aconteciam nos territórios passaram a acontecer na Feira da Roça, de maneira quinzenal. Em todas as entregas, as assistidas e articuladoras eram recebidas com um café da manhã agroecológico produzido por uma das articuladoras. Em torno da mesa do café, as articuladoras da TeiaZO, junto às famílias assistidas, conduziam rodas de conversa ressaltando a importância do fortalecimento da agricultura desenvolvida no território; sobre a alimentação como um direito; sobre a importância de que sejamos capazes de produzir alimentos, temperos, hortaliças em nossos locais de moradia/comunidades; sobre as oficinas de geração de renda e empreendedorismo que desejávamos realizar a partir dos produtos e saberes do território; sobre a implantação da moeda social e a conquista da autonomia das famílias de elaborar suas respectivas cestas e estabelecer um diálogo direto com os agricultores e agricultoras feirantes; sobre violência contra a mulher e autocuidado etc.

Já em Caboclas, a iniciativa aconteceu graças aos recursos obtidos por três frentes: a captação autônoma feita pela TeiaZO, o projeto Teia das Pretas que venceu o edital da Fiocruz em parceria com o Instituto Pacs e, a última, a partir do projeto



intitulado “Projeto Agricultura urbana e agroecologia: Juventude e Mulheres da Zona Oeste do Rio de Janeiro”. A ação adveio de forte inspiração da matriarca do território, Dona Hellen Andrews. Andrews possui uma longa trajetória de incidência social, artística e cultural na região, imigrante da África do Sul, cantora de Blues e Jazz. Dona Hellen é uma mulher negra que dedicou a vida à música e à comunidade, construindo a ocupação urbana Bosque das Caboclas e, na mesma época, fundou a Associação de Moradoras, a qual ela e outras mulheres construíram com as próprias mãos. Foi ainda protagonista de várias iniciativas voltadas à educação, cultura e ao Bem Viver na localidade. A implantação da moeda social ocorreu como parte de um entendimento de que era necessário garantir maior autonomia para que as mulheres pudessem montar suas próprias cestas a partir de seus gostos e interesses. Foi nomeada de TALENTOS em referência a sua trajetória como cantora de blues e jazz.

A feira passou a funcionar como uma experiência de trocas e autonomia, onde as mulheres, chefes de família, podiam escolher o próprio alimento de acordo com os costumes e necessidades de cada uma. Essa prática foi essencial para o fortalecimento também da autoestima das famílias que antes viam no recebimento de cestas básicas uma prática de caridade e não um direito. A proposta deu início a um debate que se fortaleceu com o projeto acima citado. O Bosque das Caboclas também conta com um espaço de plantas medicinais e hoje está em busca de novas formas de manter financeiramente a feira. A experiência da feira solidária abarcou por volta de 20 a 25 famílias. As matriarcas de cada família receberam uma determinada quantidade de Talentos (T\$) que foram calculados com base em uma família de 6 (seis) pessoas (média familiar mais comum para a localidade), contando com crianças, de forma que famílias com 12 pessoas, por exemplo, receberam o equivalente a X talentos multiplicados por dois.

Estipulamos uma base alimentar que incluía tubérculos em maior quantidade e verduras em menor quantidade, porém considerando a inevitável mudança dessa base prevista em função da autonomia de cada núcleo familiar (objetivo principal da proposta). Cada família utilizava as moedas sociais para realizar suas compras, combinando os produtos que desejavam com o valor recebido. As moedas sociais foram entregues (para as famílias cadastradas) e vendidas (para compradores) em um caixa de câmbio. O objetivo principal é que no ato da compra não houvesse diferença entre quem recebeu e quem comprou moedas sociais. O montante arrecadado pelas moedas sociais vendidas foi destinado a um fundo comunitário, disponível para os núcleos familiares em caso de necessidade (complemento alimentar, remédios, transporte e etc.). Além disso, todos os alimentos comprados dos agricultores familiares da região, sendo indispensável à proposta que os produtos sejam agroecológicos (sem veneno).

Em Vargens, por sua vez, a Feira Solidária inspirou-se na matriarca agricultora Maria do Céu, quem há décadas é responsável por um dos quintais produtivos agroecológicos mais potentes do território. A implantação da moeda social só ocorreu em outubro de 2022, inspirada pela experiência da Coletiva As Caboclas de Campo Grande. As articuladoras do território idealizaram e colocaram em prática



este projeto depois de muitos meses de discussões e adiamentos. Por fim, foi possível tirar do papel: ao invés de montar a bancada agroecológica da Feira Solidária, onde eram dispostos os alimentos comprados e as articuladoras ficavam na função de montar as cestas das assistidas, as chefes de família passariam a receber a moeda social e, deste modo, teriam maior autonomia para comprar o que desejassem, sensibilizando-as sempre para a necessidade de fortalecer também nossa agricultura e investir nas banquinhas de cada agricultor e agricultora parceiros. Deste modo, estreitamos os vínculos entre quem planta e quem come e damos mais um passo em nossa organização popular. Nomeamos nossa moeda social de CUCA em referência a Dona Cuca, Nancy Ramos, mulher negra, ancestral das Vargens, que abriu caminhos para que hoje estivéssemos aqui. Foi culinária e lutadora social, travou grandes batalhas pelo acesso à água potável e esgoto em nosso território. Está em nosso painel de memórias na Associação de Moradores/AMAVAG. Dona Cuca tinha uma barraca de doces na Pacuí onde todo domingo vinha gente de fora comprar. Criou o sobrinho, não tinha filhos, era uma mulher encantada. Foram pactuados em torno de 800 reais para a compra dos alimentos de cada Feira Solidária, cada uma quinzenal, alternando-se nos finais de semana. Deste modo, estimamos que foi possível compor em média 25 cestas no valor de 32 reais cada uma, o que equivale aproximadamente a 1 dz de bananas, 2 molhos de verduras e 2kg de legumes por cesta. No total, para cada Feira Solidária, foi possível distribuir em torno de 48kg de tubérculos, 50 molhos de verduras e 30 dúzias de bananas, atingindo 25 famílias. Com a moeda social, o valor foi dividido em notas de 1, 2 e 5 cucas para facilitar nas negociações e essa dinâmica representou um salto qualitativo em nossa experiência.

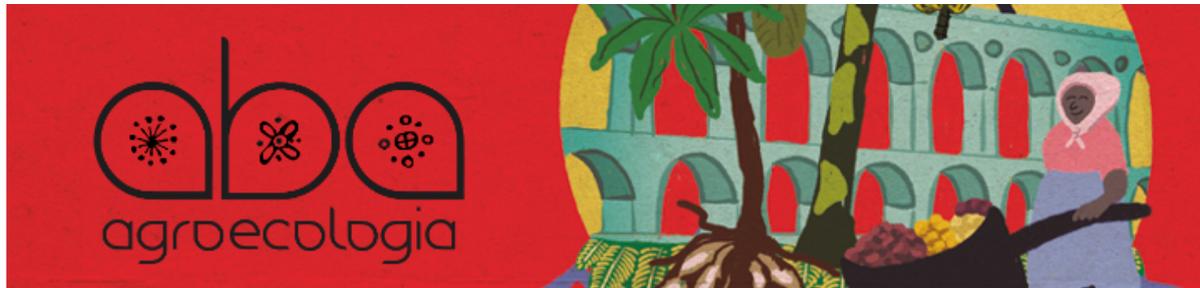
Desafios

Internamente um dos maiores desafios foi o de envolver mais mulheres articuladoras na lida burocrática de prestação de contas e na escrita de relatórios. Os trâmites de execução de compra, emissão de nota fiscal, pagamentos são sempre muito desafiadores e recaem sobre poucas companheiras que dominam mais esse tipo de tecnologia.

No que se refere ao contexto externo, está a nossa capacidade de autogestão econômica, de criar uma rede territorializada de solidariedade que possa dar conta da manutenção do projeto de forma mais soberana. Criamos um site de vendas da Feira Solidária para apoiar a comercialização dos produtos artesanais e gerar esta rede de solidariedade, mas ainda enfrentamos muitas dificuldades técnicas e, de fato, conquistar mais pessoas para se envolver na campanha.

Principais resultados alcançados

As atividades e estratégias desenvolvidas durante o período de execução das Feiras Solidárias são parte de um contexto mais amplo e mais longo de intervenções da TeiaZO nos distintos territórios nos quais incide politicamente.



Assim, essa iniciativa é parte de um trabalho que já vinha sendo desenvolvido, pelo menos, desde o desencadeamento da pandemia em 2020 com o objetivo de mitigar a fome nos territórios, fortalecendo a agricultura urbana e local e incrementando nossa organização popular sob o protagonismo das mulheres negras. Se a TeiaZO é uma práxis que surge no contexto específico da pandemia, poderíamos estender esse recorte temporal em, pelo menos, uma década, considerando que o Comitê Popular de Mulheres da Zona Oeste vem de uma longa caminhada no sentido de costurar redes de re-existências de mulheres nessa região periférica da cidade do Rio de Janeiro com iniciativas de distintas ordens: desde a elaboração de uma cartografia feminista e zonoestina do território a projetos de educação popular, passando pela luta por moradia e a defesa do morar e plantar na cidade.

A manutenção da Feira Solidária, a implementação da moeda social e a realização de diversas oficinas de geração de renda permitiram que seguíssemos com um trabalho orientado para a organização popular potencializando a liderança de mulheres negras em seus territórios, fortalecendo a agricultura familiar e urbana, assistindo famílias que se encontram em vulnerabilidade alimentar, com prioridade àquelas chefiadas por mulheres negras, estreitando laços de afeto, reconhecimento e trocas e, por fim, desenvolvendo atividades produtivas que geram renda, com base no artesanato, na reutilização de materiais descartados na natureza e em tecnologias sociais de combate a fome e ao nutricídio. A partir de tais iniciativas, contribuíram ainda para a redução dos impactos ambientais e semeamos caminhos orientados para o Bem Viver desde as periferias e da auto-organização popular.

Portanto, com essas ações, foi possível agregar a TeiaZO novas lideranças comunitárias. Com a implementação da moeda social, aumentamos ainda mais a autonomia das famílias no acesso ao alimento limpo de veneno, agrotóxicos e transgenia - as quais, inclusive, em vários depoimentos, registraram o quão foi importante esse movimento e o quão felizes ficaram com este novo formato. Nos encontros, rodas de conversa em torno de um café da manhã agroecológico, foi possível estreitar os laços entre nós e com a agricultura familiar que ocorre no maciço da Pedra Branca, trocar saberes sobre ervas, cuidados, receitas, artesanatos. É nesse sentido que, para além da questão da soberania alimentar, a Feira Solidária e as oficinas constituíram-se como espaço articuladores, de formação política e de autogestão que deram cabo da tarefa urgente de disseminar os valores da agroecologia, do Bem Viver, do enfrentamento à violência de gênero e das inúmeras possibilidades de gerar renda a partir dos conhecimentos acumulados pelas mulheres do território.

Em Vargens, o projeto da Feira Solidária impactou diretamente a vida de Rosinete Delfino Silveira, uma mulher preta do território de Cascatinha que chegou a nossa organização como chefe de umas das famílias assistidas na distribuição de cestas de frescos durante a pandemia. Começou a ajudar de forma voluntária na distribuição das cestas quando esta ocorria nos territórios, em um momento no qual ainda enfrentava muitas questões de saúde. Cada vez mais foi se envolvendo de modo que acabou se tornando uma das principais articuladoras do movimento no território. Para Rosi, a mudança da distribuição das cestas para a Feira da Roça foi



muito positiva, pois trata-se de um ambiente muito acolhedor onde foi possível entrar em contato com articuladoras de outros territórios, voluntárias e com os próprios agricultores. Além de cuidar das assistidas do território de Cascatinha, acompanhando suas histórias de vida, conversando, mobilizando para as oficinas, Rosi se responsabilizou também pela elaboração do café da manhã em todas as Feiras Solidárias e nas oficinas. Com isso, pôde tomar conhecimento e se apropriar de várias receitas agroecológicas, pôde ter acesso a uma renda a partir deste trabalho; fez questão de participar de todas as oficinas realizadas e até hoje é uma das mais entusiastas a dar prosseguimento às nossas ações no território.

Em Caboclas, destaca-se o protagonismo de Tia Helena que chegou na organização popular a partir das iniciativas de distribuição de alimentos e foi uma das principais articuladoras da Feira Solidária e da implantação da moeda social, Dona Hellen, matriarca local e Saney Souza, filha de dona Hellen e uma das fundadoras da Coletiva Bosque das Caboclas. Entretanto, a Coletiva funciona de forma horizontal, contando com cerca de 20 mulheres e 15 adolescentes, além das demais mulheres que participam das atividades promovidas pela coletiva. A experiência também foi essencial para o fortalecimento político e afetivo das mulheres da localidade, que a partir dessa experiência amadureceram o debate político e articularam novas experiências. Compreendemos esta experiência como um laboratório para a garantia da soberania alimentar e nutricional da população comunitária, mas ainda assim estando muito aquém das necessidades totais para a realização desta conquista.

Disseminação da experiência

O projeto deu um fôlego para seguirmos com nosso trabalho de base em um momento em que não contávamos mais com tantos recursos. Em Vargens, conseguimos reerguer em certa medida a campanha Campo e Cidade de Mãos Dadas contra a Fome da Rede Ecológica com o objetivo de manter uma transferência mínima de recursos de doações para subsidiar a compra de alimentos na Feira da Roça. Além disso, recorremos a alguns editais de ONGs comprometidas com iniciativas relacionadas à justiça social, mas ainda há uma fragilidade na manutenção mais consistente de nossos projetos porque estamos sempre em busca de financiamento. Hoje, por exemplo, a Feira Solidária ocorre uma vez por mês em Vargens, graças à parceria com a Rede Ecológica, mas, em Caboclas, com o fim da Emenda Parlamentar, a Feira Solidária foi suspensa temporariamente. Para potencializar uma rede de solidariedade e de fomento à agricultura urbana da Zona Oeste, criamos o site da Feira Solidária, mas ainda enfrentamos dificuldades técnicas de operacionalizar o mesmo e fomentar a participação da sociedade civil de forma mais geral.

A experiência das Feiras Solidárias expressa a potência da organização popular na construção de um horizonte estratégico em torno da defesa da Soberania Alimentar e do Bem Viver que se apoia nos circuitos curtos de produção e comércio, reconhecendo a importância da agricultura urbana e familiar que produz um



alimento limpo de agrotóxicos e transgenia e que pode e deve alcançar as famílias que mais precisam. Nesse sentido, a experiência é recomendada não apenas para outros agricultores, agricultoras e organizações, mas principalmente deve servir de exemplo para que o Estado garanta políticas públicas que fortaleçam iniciativas como essa.